

Convergências e divergências: aspectos das culturas indígenas Charrua e Minuano

*Convergences and divergences:
aspects of indigenous Charrua and Minuano*

Anderson Marques Garcia

*Licenciado em Geografia (UFPeI), mestrando em Patrimônio Cultural (UFSM)
e pesquisador associado aos LEPAARQ/UFPeI e LEPA/UFSM.*

Saul Eduardo Seiguer Milder

Dr. em Arqueologia pelo MAE/USP, professor na UFSM e coordenador do LEPA/UFSM.

RESUMO

O presente artigo propõe identificar características gerais dos grupos ameríndios Charrua e Minuano, enfatizando as distinções étnicas destes que habitaram tradicionalmente uma porção espacial que compreende a parte dos territórios atuais da Argentina (Nordeste), do Uruguai (Leste e Norte) e do Brasil (Rio Grande do Sul). A partir de informações compiladas em documentos, crônicas e descrições de colonizadores europeus a respeito desses dois grupos sul-americanos pampianos, estabelece-se um paralelo entre os aspectos particulares de um grupo, contrastando-os com os do outro grupo. Neste artigo apresentam-se, de modo sintético, quais são as principais divergências culturais entre os grupos Charrua e Minuano que a literatura histórica permite identificar e, assim, as relações possíveis de serem feitas com os Cerritos.

Palavras-chave: Charrua. Minuano. Cerrito.

ABSTRACT

This paper seeks to identify the general characteristics of the Amerindian Charruas and Minuanos, emphasizing the ethnic distinctions of those who have traditionally inhabited an area that comprises the present territories of northeastern Argentina, Eastern and Northern Uruguay and Rio Grande do Sul in Brazil. Compiling information from documents, chronicles and descriptions of European settlers on these two groups of South America pampas, we draw a parallel between sets of aspects of the groups and contrasting them with each other. This article presents a syntactic differentiation between Charrua's and Minuano's cultural entities that historical literature identify, and thus, the possible relation with the mounds locally known as Cerritos.

Key words: Charrua; Minuano; Mound.

Introdução

Neste artigo são apresentados dados relativos a aspectos da história e da cultura dos ameríndios Charrua e Minuano e as possíveis relações desses grupos com os Cerritos do Sul, da América do Sul. No entanto, no que tange os hábitos culturais desses grupos, serão priorizadas as informações sobre os primeiros momentos pós-contato, por se acreditar estarem nesse período as maiores possibilidades de associações entre esses grupos étnicos e os grupos pré-históricos (pré-coloniais) construtores de Cerritos. Porém, não se limitará somente aos primeiros anos do contato desses ameríndios com os colonizadores ibero-europeus; também será exposto um panorama menos restritivo sobre ambos os grupos.

Ao longo do século XX, os Charrua e os Minuano foram amplamente relacionados pela Arqueologia com os grupos nômades pescadores-caçadores-coletores construtores de Cerritos, do Sul da América do Sul. Sobre esses ameríndios cabe registrar que os primeiros são também referidos por cronistas como *Yacroas*, *Yaros*, *Martidans*, *Manchados*, ou variações dessas palavras; e os segundos, como *Janes* e *Guenoas*, ou variações dessas palavras. Isso ocorre por serem esses nomes, provavelmente, nomenclaturas especificadas de parcialidades étnicas desses grupos, exceto as palavras *Guenoas* e *Manchados*, a primeira utilizada pelos padres jesuítas para fazer menção aos Minuano (BECKER, 2002; MAZZ; BRACCO, 2010) e a segunda tem relação com as tatuagens utilizadas pelo grupo Charrua. Quanto à parcialidade *Bohanes*, existem divergências: Becker (2002) relaciona-os com o Minuano, e Mazz e Bracco (2010), com os Charrua.

Em relação aos Cerritos, pode-se dizer que estas são estruturas arqueológicas monticulares constituídas predominantemente com terra e diferentes tipos de vestígios de cultura material: arqueofauna, instrumentos líticos e cerâmicos, estruturas de fogueiras e enterramentos humanos. Os sítios arqueológicos com Cerritos encontram-se no Sul da América do Sul, distribuídos nas porções Leste e Norte do Uruguai, Sul do Brasil (Rio Grande do Sul) e na porção Nordeste da Argentina. Quanto a estudos relativos à função dessas estruturas, existem diversas interpretações para áreas específicas desse fenômeno de larga abrangência espacial. Sinteticamente pode-se dizer que os Cerritos são pensados como cemitérios, demarcadores territoriais, locais de descarte de refugio, praças centrais das aldeias, lugares erguidos para a habitação em áreas alagadiças ou mesmo monumentos que remontam à memória histórica e à identidade de seus construtores (NAUE, 1973; SCHMITZ, 1976; BECKER, 2002; BLANCO, 1999; MAZZ, 2001; VILLAGRÁN, 2005; SILVA JR., 2006).

Tais estruturas arqueológicas alcançam a temporalidade de 5420 ± 260 A.P. em sítios arqueológicos do interior do Uruguai, onde atingem dimensões de 100 metros de diâmetro por até 7 metros de altura (MAZZ, 2001; VILLAGRÁN, 2005) e, na região meridional da Laguna dos Patos (Rio Grande do Sul), os Cerritos ocorrem na paisagem

de forma menos imponente, alcançando dimensões menores que giram em torno de 70 metros de diâmetro e 1,2 metros de altura, com uma profundidade temporal entre 2.500 A.P. até 200 A.P. (SCHMITZ, 1976).

Distinções entre Charrua e Minuano

Os Charrua e os Minuano, ao longo do século passado, foram quase sempre descritos juntos, ficando ao leitor a impressão até mesmo de que estes constituíam um único grupo, denominado, talvez, como “Charrua Minuano” (FAVRE, 1994). Tal equívoco histórico iniciou em meados do século XVIII (BRACCO, 1999), num momento em que as coroas portuguesa e espanhola ampliaram sua expansão sobre o território índio, fazendo com os seus povos se aproximassem e com que a sociedade colonial criasse tal generalização entre os dois grupos referidos (BECKER, 2002, MAZZ; BRACCO, 2010). Porém, ao recorrer-se aos primeiros dados históricos sobre os grupos, percebe-se que embora estes comungassem de algumas semelhanças, tanto relativas a sua cultura material como imaterial, também existem dados numerosos que apontam divergências entre os dois grupos, sobretudo a respeito de seu território ancestral.

Os Charrua e os Minuano foram distintos em aspectos físico, social e cultural e quanto aos seus territórios de domínio. No entanto, os relatos e as associações feitas sobre esses grupos, muitas vezes são equivocados, sendo frequente a confusão entres os grupos: tratamento deles como um grupo homogêneo e classificação cultural associada aos Guaicuru da região Centro-Oeste do Brasil (área de língua *Arawak*). Os Minuano, devido seu modo vida pescador-caçador-coletor e suas habilidades na doma de cavalos em momento colonial, foram denominados como “grupo Guaicuru do Sul” (PORTO, 1936). Essas questões serão discutidas com maior ênfase a seguir.

Primeiramente, ao se situar territorialmente esses dois grupos, percebe-se, na documentação histórica sobre Charrua e Minuano, que até seus territórios ancestrais foram distintos, tendo sido o Rio Uruguai uma espécie de fronteira entre as duas culturas. Bracco (1999) informa que, desde tempos pré-coloniais, esta região teria sido abalada por constantes disputas territoriais entre parcialidades desses grupos. Tais ações foram marcadas por práticas como raptos e assassinatos mútuos, como pode ser percebido ao se ler as palavras do Pe. Francisco García em relato sobre os Charrua (Yaro) que atravessavam o Rio Uruguai e sequestravam e matavam índios Minuano (Guenoa).

La mas nombrada Nación, y parcialidad, es la de los Yarós, enemigos mortales de los Guanoás, por andar tan vezinos, que solo media entre unos, y otros el dicho rio Uruguay, el cual pasan los Yarós, quando sus excesivas y rapidas creciente lo permiten, nadando, en que son muy exercitados desde niños, y matan, ó cautivan á los Guanoás. (GARCÍA, 1683 *apud* BRACCO, 1999, p. 66-67)

Esses grupos estavam genericamente assentados da seguinte forma: os Charrua, juntos às margens ocidentais do Rio Uruguai (Oeste), e os Minuano, no lado oriental (Leste), estendendo-se, ao que parece, até as planícies do litoral atlântico Sul. Devido à posição geográfica em que se encontravam, seus contatos com os ibero-europeus aconteceram em momentos distintos, fazendo com que os Charrua, ainda no início do século XVI, se aproximassem dos espanhóis que começavam a ocupar as margens do rio Uruguai e construir suas primeiras fundações. Quanto aos Minuano, estes parecem ter tido seus primeiros contatos aproximadamente um século mais tarde, quando os portugueses começaram a ocupar a região litorânea Sul com fins político-militares no final do século XVII (BECKER, 2002; 2006).

No entanto, esses contatos, Charrua-Espanha e Minuano-Portugal, não significaram submissão ameríndia a essas coroas européias. Houveram represálias constantes por parte de ambos os grupos, porém também houve comercializações não exclusivas ao fato de os espanhóis terem adentrado pelo rio da Prata e os portugueses terem chegado pelo litoral Atlântico, bem como mais tarde pelo estuário do atual município de Rio Grande (BECKER, 2002; 2006; MAZZ; BRACCO, 2010). Para ilustrar essa situação tênue, faz-se uso de um trecho das palavras de João Pedro Cônego Gay (1863) ao descrever uma situação em que os Charrua administraram relações com os portugueses e com os espanhóis ao mesmo tempo: “Eles consentem aos espanhóis de andar pelos campos onde as reduções têm estâncias, tirar bois e cavalos que levam clandestinamente a Montevideo, e em troca de regalos que recebem dos portugueses lhes consentem o mesmo [...]” (GAY, 1863 *apud* BECKER, 2002, p. 82).

Junto a esta questão, podem ainda ser demonstrados outros dados que apontam para uma dissociação entre esses dois grupos, como se apresentará adiante. Becker (2002; 2006) traz informações de viajantes que conviveram com esses grupos entre os séculos XVI e XIX, o que lhe possibilita, inclusive, apontar diferenças entre os tipos fenótipos desses grupos, relatando que a coloração da pele dos Charrua seria mais escura que a dos Minuano; que os homens Charrua eram mais robustos que os Minuano e que as mulheres Charrua tinham, aproximadamente, a mesma altura dos homens de seu grupo (1,74 m), enquanto entre os Minuano existiria um dimorfismo sexual acentuado, tendo as mulheres os seios maiores que as Charrua, bem como seus lábios e olhos, além de ter o nariz mais achatado do que o dos Charrua.

Segundo Becker (2002), entre os primeiros anos da conquista ibero-europeia, não havia diferenciações de natureza econômica destacadas na sociedade Charrua; existiam apenas funções específicas que eram exercidas pelos membros dos grupos. Entre essas especificações internas, existia o conselho de *toldoaria*, do qual faziam parte os homens mais velhos das famílias, que, em idade muito avançada não mais participavam das caças e guerras, ficando juntos às crianças e às mulheres que não tinham maturidade física para trabalhar.

Os homens que presidiam o conselho das toldoarias participavam de rituais xamânicos dirigidos a entidades da natureza, entres as quais havia *Gualiche*, figura à qual eram atribuídos os temidos fenômenos naturais e as enfermidades. Esses rituais envolviam o consumo de bebidas alcoólicas, como o hidromel ou chicha, que eram preparadas através da fermentação de uma mistura entre mel e água. Com a aproximação do colonizador branco, a cachaça e o vinho passaram também a ter esse papel na cultura dos Charrua e dos Minuano. Tais práticas foram repudiadas pelos jesuítas em período colonial, que acreditavam tratar-se de crenças “diabólicas” (SOSA, 1957; BECKER, 2002; SILVA, 2008; MAZZ; BRACCO, 2010).

Sabe-se que houve caciques entre os Charrua e os Minuano, contudo eles não exerciam poder hierárquico frente ao seu grupo. As decisões de questões que envolvessem o interesse geral dos grupos, como, por exemplo, a iminência de guerras, passavam pelo conselho de toldoaria. Os caciques começaram a ampliar seus poderes por volta do século XVIII, tendo dirigido os grupos em guerras, trabalhado em negociações de paz, tratados e reconhecimentos de terrenos, passando a ser o cacicado com o tempo uma posição vitalícia e hereditária, inclusive havendo caciques subordinados de outros caciques (BECKER, 2002; MAZZ; BRACCO, 2010). Além de conselhos de toldoarias e caciques, ainda havia feiticeiros, médicos e/ou curandeiras, que parecem ter tido significados e funções diferentes entre os grupos.

Tuvieron hechiceros, que atribuían el poder de hacer llover, provocar tormentas, desatar la furia de las fieras y desbordar arroyos y ríos. Pero al lado de estos hechiceros hubo hombres médicos y mujeres viejas que curaban. [...] Entre los Charrúas había siempre una vieja que era la encargada de preparar y sepultar al muerto. Esto recuerda prácticas similares en tribus pampas-patagónicas, donde una vieja era la encargada de descarnar los huesos del difunto. (Los Charrúa) [...] también cargan con los huesos de sus parientes difuntos a donde quiera que se mudan [...]. (LOZANA, 1873 *apud* BECKER, 2002, p.137).

Prosseguindo os relatos sobre as distinções destes grupos, vê-se que haviam também significativas divergências culturais entres os mesmos quanto aos seus aspectos sociais. Entre os Minuano, as mulheres parecem ter tido maior igualdade perante aos homens de seu grupo do que as Charrua, existindo algumas que chegaram a exercer atividades médicas e ter a liberdade de beber nas cerimônias xamânicas com os homens, posição não permitida às Charrua. No entanto, como se percebe nas palavras de Lozana, entre os Charrua houve mulheres idosas tidas como curandeiras, que assumiram um importante papel político-cultural no grupo, sendo também as responsáveis pelo tratamento de seus mortos.

A família era a base social de ambos os grupos. Normalmente poligâmica entre os Charrua, os homens podiam casar-se com várias mulheres, enquanto entre os

Minuano tal pratica era exclusiva aos caciques, sendo as mulheres mais velhas, com o passar do tempo, rejeitadas e apenas as mais jovens levadas nas jornadas (PORTO, 1936; BECKER, 2002). Nos dois grupos, os homens casavam-se mais velhos que as mulheres, que normalmente estavam prontas para o casamento quando atingissem a idade núbil, manifestada primeiramente entre as do grupo Minuano (BECKER, 2006). As mulheres Charrua, por sua vez, passavam por um ritual de iniciação no qual eram conduzidas até um toldo específico, onde eram cobertas com abundantes agasalhos durante a cerimônia.

Os filhos entre os Charrua, aparentemente, eram criados pelos pais biológicos, enquanto entre os Minuano a educação das crianças costumava ser de responsabilidade dos pais até o período de lactância, e após esse momento, a responsabilidade de prosseguir a educação das crianças passava para algum familiar. Entre os Charrua era comum familiares ou outras pessoas se disponibilizarem a acolher os órfãos de seu grupo por meio de adoção. Assim, a manifestação mais acentuada desse sentimento afetivo, nos dois grupos, podia ser percebida nas manifestações femininas de luto, nas quais era costume as mulheres amputarem suas falanges das mãos, iniciando pelo dedo mínimo, como demonstração do sofrimento pela perda de seus pais e filhos (BECKER, 2002; 2006).

Rituais de autoflagelo também eram praticados pelos homens, no entanto, para estes, havia pelo menos dois motivos para as mutilações: para representar o número de inimigos mortos em confrontos pessoais e para manifestar o luto. Essas informações são trazidas por cronistas que descrevem os homens praticando “[...] como títulos de su mayor nobleza cicatrices; se daba cada uno a si mismo, en su cuerpo, tantas cuchilladas, cuantes muertes habían ejecutado [...]” (LOZANO, 1873 *apud* BECKER, 2006, p.116) e também como manifestação de luto, como se observa no trecho que segue.

[...] é costume ainda destas mulheres, quando morre alguns de seus parente próximos, cortar o nó dos dedos das mão. Com uma se encontrou um dos missionários, a qual já não tinha nas mãos, senão um ou dois dos dedos ilesos. Também os homens fazem as suas demonstrações, que é ferirem os próprios braços e espáduas com frechas, enxergando-se, depois, tanto nos braços como nas espáduas, os sinais das feridas. (autor anônimo, 1749/1751 *apud* CESAR, 1998, p. 124).

Segundo Becker (2002), as cicatrizes para os homens Charrua eram exibidas como *status* representativo do número de inimigos mortos, enquanto, para os Minuano, esse tipo de autoflagelo significaria a dor sentida pela morte de um familiar. Eis, nesse ponto, outra possibilidade de variações culturais entre os dois grupos. Porém, há de se considerar, que tal questão possa ser fruto, também, de interpretações distintas sobre um mesmo ritual.

Quanto às habitações dos grupos, cabe destacar que os toldos Charrua, nos primeiros anos pós-contato, eram construídos para abrigar cerca de dez pessoas sem distinção sexual ou etária; caso um não fosse suficiente para abrigar uma família numerosa, outro toldo era construído ao lado para que todos tivessem abrigo. Suas moradias eram construídas, antes de tudo, com o propósito de servir como um abrigo para as intempéries, sendo as cozinhas feitas fora do perímetro interno dos toldos, assim como também eram os fogos (BECKER, 2002).

Quanto aos toldos Minuano, Porto (1936) traz informações sobre moradias do período de utilização do couro bovino. Na construção eram utilizadas esteiras de palha (junco) como cobertura e o couro servia para as paredes, uma das quais servia inteiramente como porta de acesso à residência. Porto (1936) dizia que “[...] as suas mudáveis casas costumam armar sôbre alguma descoberta colina e raras vezes junto do mato [...]” (SALDANHA, 1787 *apud* PORTO, 1936, p.30), servindo-lhes como dormitório, lugar para comer e cozinhar, chegando a abrigar cerca de cinco a seis indivíduos.

As diferenças existentes entre as habitações dos Minuano e as dos Charrua quanto à estrutura, à capacidade e à função são notórias. Porém, quanto à estrutura, tem de se ponderar que a utilização do couro pelos Charrua também foi bastante presente no século XVII. Quando estes se proveram do gado, também utilizaram o couro como umas das matérias-primas construtivas das habitações, mudando assim seus padrões habitacionais. Pensa-se que essas mudanças na matéria-prima, talvez possam ter levado ao aumento da capacidade dos toldos.

No entanto, o que mais se destaca ao se comparar os relatos sobre as habitações, é o que diz respeito à preparação de alimentos. Para os Minuano, diferentemente dos Charrua, a alimentação constituía atividades individuais em que as pessoas comiam quando julgassem necessário. Essa informação corrobora o fato de os Minuano normalmente prepararem seus alimentos dentro de seus toldos, enquanto a alimentação Charrua era uma ação coletiva que reunia o grupo fora dos toldos (BECKER, 2006). Tal questão talvez possa indicar outro fator de diferenciação cultural entre os dois grupos.

Para os Charrua, pode-se destacar também a utilização das tatuagens, realizadas com o aplicar de um tipo de argila escura sobre a pele recém-picoteada, ou seja, eram abertos poros na pele e aplicava-se a substância corante nas feridas.

[...] el día que parece la primera menstruación las pintan tres rayas azules oscuras; la una cae verticalmente por la frente, desde el cabello a la punta de la nariz, siguiendo el caballete de está, y las otras dos, una a través de cada sien. Estas rayas son indelebles porque la ponen picando la piel y poniendo arcilla negruzca. (AZARA, 1962 *apud* BECKER, 2002, p.116).

Um dado bastante semelhante é trazido por Cesar (1998) sobre o grupo Minuano: “[...] às índias, logo que nascem, lhes fazem na testa uma cruz de cor azul que chega até o nariz” [...]” (autor anônimo, 1749/1751 *apud* CESAR, 1998, p. 123-124). O autor não deixa claro que a “cruz de cor azul” seja permanente; provavelmente devido ao fato de suas palavras sobre o assunto serem breves, porém, devido à semelhança entre as descrições, é provável que também fossem tatuagens cuja feita o autor presenciou. O uso dessas marcas parece não ter sido restrito às mulheres; Saldanha menciona que o cacique Minuano Salteinho trazia “[...] marcada sobre la nariz y sobrecejas, una cruz de tres picos, hechas con algún hierro en brasa, y que permanece en color ceniciento” (SALDANHA 1787 *apud* MAZZ; BRACCO, 2010, p. 223-224).

O costume de tatuar-se parece ter permanecido até a primeira metade do século XIX, quando em relato de M. Léon Gozlan, pode-se perceber menção a essas marcas em relação aos Charrua Senaque, Micaela Guaynusa, Laureano Tacuabé e Vaymaca Peru. Esses indivíduos foram enviados a Paris, em 1833, como curiosidades para uma exposição de “História Natural do Gênero Humano” (HILBERT, 2009).

Una viajera parisiense, tal vez una modista, que no sospechaba al retener su pasaje en la diligencia de Paris, de encontrarse en compañía de cuatro salvajes, casi desnudos, con olor a jardín zoológico, con dedos ganchudos, con voz gutural, con nariz tatuada [...]. (GOZLAN, 1833 *apud* SOSA, 1957, p.285).

Fatores de diferenciação cultural entre Charrua e Minuano, ainda que modestos, podem também ser percebidos na bibliografia quando é informado o período da vida da mulher em que eram realizadas as tatuagens: entre os Minuano, após o nascimento e, entre os Charrua, em idade núbil. Além do período de realização das listras, existem algumas diferenças presentes nas descrições quanto a diferenças nas linhas que eram tatuadas nos rostos. É possível, portanto, que antes de ser interpretado como um fator de diferenciação cultural entre os grupos, as tatuagens possam antes ser consequências de variações estilísticas.

Em relação às roupas usadas por esses ameríndios, poucas informações existem sobre o século XVI. Conforme Becker (2002), sabe-se apenas que as mulheres Charrua vestiam-se com uma espécie de saia e os homens, com uma capa, que chamavam de *Cayapi*. A partir do século XVII, as informações já são mais ricas, das quais pode absorver que tanto os Charrua como os Minuano vestiam-se com roupas semelhantes, sendo que, entre os Minuano, tanto homens como mulheres utilizavam *Cayapi*. Sosa (1957) relata que, nas épocas mais quentes do ano, as vestimentas não eram utilizadas, sendo a nudez bastante comum nesses períodos.

Sobre as roupas utilizadas pelos Minuano, há uma descrição bastante rica de José Saldanha para um momento histórico em que os Minuano já lidavam com o gado.

[...] cobertos pelas costas até os calcanhares com os caypís, ou grandes mantas de couro descarnados, e sovados com o pêlo para o corpo e o carnal para a parte de fóra, atado com uma tira do mesmo couro por cima dos ombros e por diante do pescoço; envolvidos desde a cintura até o joelho com volta e meia de pano de algodão, são estas as suas gerais vestimentas. Aos caypís que eles fazem de péle de veado ou de vitela sovados e descarnados e cosidas umas às outras, ou emfim de couro de alguma nova vaca, pintam pela parte exterior que é a do carnal, com umas listras ao comprido e atravessadas, de encarnado e cinzento, aquela côr tiram de terra de ôcra de ferro. (SALDANHA, 1787 *apud* PORTO, 1936, p. 30-31).

Os *Cayapis* eram curtidos em gordura animal para que ficassem flexíveis e acomodassem melhor ao corpo (BECKER, 2002; MAZZ; BRACCO, 2010) e sua decoração podia variar, nem sempre sendo pintados com listras horizontais e verticais de vermelho e cinza. Becker (2002) informa que, algumas vezes, eles eram pintados de branco e decorados com quadrados, losangos e triângulos pintados em vermelho e azul acinzentado. Outras variações dessas gravuras provavelmente existiram, porém não foram vistas ou documentadas pelos cronistas.

Charrua e Minuano no Século XXI

Segundo Mazz e Bracco (2010), qualquer estimativa sobre o efetivo populacional dos grupos Charrua e dos Minuano é imprecisa, pois certamente inúmeros indivíduos não foram vistos pelos viajantes que se preocuparam em registrar esse tipo de documentação. No entanto, Vidart (1998) e Becker (2002) trazem contabilizados números máximos de 1000 a 1100 indivíduos Charrua e de 900 a 1000 Minuano. Francisco Dominguez chega a mencionar a existência de mais 2000 famílias Charrua (BRACCO, 1999; MAZZ; BRACCO, 2010).

Embora esses grupos fossem numerosos, e o quanto infelizmente nunca saberemos precisar, seus contingentes populacionais foram gradativamente diminuindo devido a doenças e constantes conflitos com os colonizadores que tomavam as suas terras, não admitiam o modo de vida pescador-caçador-coletor e os obrigavam a servi-los de acordo com os padrões ibéricos. Essa política bélica se estendeu até o século XIX, quando esses grupos teriam sido exterminados nos genocídios de Salsipuedes e Mataojos (Uruguai), e os sobreviventes teriam sido mortos na sublevação de Bella Unión e nas campanhas de Lavalleja (SOSA, 1957; BECKER, 2002).

Fala-se que “teriam” sido exterminados, pois atualmente, tanto no Uruguai como no Brasil existem grupos vivendo em estruturas tribais que afirmam ser

legitimamente Charrua e que lutam pelo seu reconhecimento (Hilbert, 2009). No Brasil, após 172 anos de luta, um grupo que afirma ligação sanguínea com os Charrua sobreviventes de Salsipuedes, foi reconhecido, em 2007, no Rio Grande do Sul como categoria étnica/nativa sócio-cosmológico-identitária pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) (SILVA, 2008).

Esse grupo reconhecido pela FUNAI afirma ser descendente direto dos sobreviventes de Salsipuedes, e conforme sua cacica Acuab, até a década de 1950, seus antepassados sobreviveram a partir de caça e coleta na região missioneira do Rio Grande do Sul, utilizando inclusive artefatos líticos. Atualmente esses Charrua estão estabelecidos no município de Porto Alegre, na aldeia Polidoro Povo Charrua, nome escolhido em homenagem ao celebre cacique de mesmo nome. Acuab nasceu em São Miguel das Missões, onde viveu até a morte dos pais, situação que a fez mudar-se com seus irmãos para a periferia de Porto Alegre. Acuab afirma possuir, fora de sua aldeia nos municípios de São Miguel das Missões, Santo Ângelo e São Borja, muitos outros parentes Charrua, com os quais periodicamente mantém contato. No entanto, os Charrua do Rio Grande do Sul negam vínculos com movimentos étnicos do Uruguai que também se reconhecem como Charrua (SILVA, 2008).

No Uruguai existe o *Consejo de la Nación Charrúa* (CO.NA.CHA.), que está presente em diferentes locais do país, representado pelos grupos *Comunidad Charrúa Basquadé Inchalá*, *Asociación de Descendientes de la Nación Charrúa*, *Grupo Pirí*, *Grupo Timbó Guazú*, *Grupo Berá* e *Grupo Indígena Guayunusa* (<http://consejocharrua.blogspot.com.br>). Talvez os primeiros passos de uma vitória dessa organização tenham iniciado no ano de 2009 com o Decreto Lei nº 18.589, formado por dois artigos que reconhecem as atrocidades feitas aos Charrua.

O CO.NA.CHA. atualmente vem reivindicando os direitos ancestrais do povo Charrua perante o estado uruguaio. No entanto, ainda não tiveram terras demarcadas nem foram reconhecidos formalmente como grupo indígena. A resistência ao movimento Charrua no Uruguai ainda é grande, registrada inclusive por seu ex-presidente Julio María Sanguinetti, onde em seu artigo intitulado "*El Charruismo*", publicado no jornal *El País* de Montevidéu em 19 de abril de 2009 – entre muitos absurdos – afirma não ter existido um genocídio em Salsipuedes, afirmando que os assassinatos dos Charrua foram favoráveis à consolidação da República Oriental do Uruguai (<http://www.elpais.com.uy>).

Quanto a sobreviventes Minuano, não se sabe da existência até presente data, sobre grupos étnicos organizados, assim como existem os Charrua. Hoje não é sabido da localização de possíveis descendentes, porém seguramente eles existam tanto entre os Charrua anteriormente mencionados como no restante da atual população sul-americana.

Que tipos de associações podem ser feitas com os Cerritos?

É importante salientar novamente que Charrua e Minuano foram grupos que comungavam de alguns traços culturais adversos – embora cultivassem muitos traços semelhantes –, onde a linguagem, bem como as variáveis antes mencionadas, também permite reflexão distintiva entre os grupos trabalhados.

Sosa (1957) propôs um estudo comparativo entre palavras pronunciadas por ameríndios Charrua, Minuano e Chaná, e o resultado dessa comparação lhe permitiu supor que os três grupos deveriam possuir um dialeto de mesma origem, o qual acreditava estar ligado à língua mesoamericana *Arawak*. Mais tarde, Becker (2002) contestou o exposto por Sosa e afirmou não ser possível saber se as diferenças entre as linguagens de Charrua e Minuano eram em relativas a dialeto ou a língua.

Com isenção à discussão apresentada, sabe-se hoje que a língua falada pelos Charrua da aldeia Polidoro Povo Charrua chama-se *lpi* (SILVA, 2008) e que, ao menos em relação ao dialeto, essas linguagens diferiam, pois, quando Francisco Bruno de Zabala dialogou com esses grupos, requisitou “[...] uno o dos lenguaraces de las lenguas charrúa y minuana [...]” (ZABALA, 1794 *apud* MAZZ; BRACCO, 2010, p. 228). Esse fato é bastante conclusivo e comprova serem, de fato, distintas as falas de Charrua e Minuano.

Além das questões pontuadas que dizem respeito às diferenças sociais dos dois grupos, há também de se salientar algumas características semelhantes entre eles, como o fato de ambos serem pescadores-caçadores-coletores; possuem instrumentos incomuns como boleadeiras, macana, redes, funda, arco e flecha; e, em momento da colonização ibérica, transformarem-se em exímios cavaleiros, tornando-se referências por suas habilidades em prear gado e domar cavalos.

Quanto às relações desses grupos com os sítios arqueológicos com Cerritos, pensa-se em concordância com Bracco (1999) e Mazz e Bracco (2010). O território tradicional dos Charrua difere dos locais onde atualmente são encontrados Cerritos, já que estes só estenderam seus domínios a Leste por volta da década de 1740, devido à perda de espaços para os colonizadores ibéricos. Os Charrua passaram então a ocupar um território ancestralmente Minuano, e por volta desse mesmo período (1730), haviam se consolidado as alianças entre eles e os Minuano, fato que gerou confusão em torno da população colonial e uma generalização popular dos dois grupos como sendo Charrua de maneira genérica, fazendo que, aos poucos, fosse diminuindo a utilização do termo Minuano para descrever parte desse contingente populacional que passou a traçar um destino semelhante (FAVRE, 1994).

Mazz e Bracco (2010) creem nessa associação dos Minuano com os Cerritos e utilizam também como argumentos a toponímia Minuano associada ao Uruguai contemporâneo e à localização de Cerritos. Exemplos dessas toponímias são: *Laguna de*

los Minuanos, Paso de los Minuanos, Cañada de los Minuanos, Pueblo Minuano e Paraje Minuano. Outro argumento que levam esses pesquisadores a essa hipótese associada entre Minuano e os Cerritos é que “[...] la documentación no aporta indícios sobre una eventual llegada tardía de esos indígenas ni de la migración de otros que, consecuentemente, hubieran sido desalojados por ellos” (MAZZ; BRACCO, 2010, p. 119).

Desse modo, vê-se que quem ocupava o território onde atualmente são encontrados Cerritos eram os Minuano. Não se pretende afirmar que foram os Minuano quem construíram os Cerritos do Sul da América do Sul; esta é uma hipótese que deve ser amadurecida antes de qualquer conclusão precipitada. Por isso, em concordância com Mazz e Bracco (2010), o que pode ser afirmado é que os Minuano ocupavam os lugares de Cerritos no século XVII, quando tiveram contato com os conquistadores ibero-europeus, e que essa posição territorial talvez tivesse uma ligação de cunho político e identitário com um território que, por muitas gerações, seu grupo ocupou, assim entram também os Cerritos nesse contingente territorial.

Por tudo isso, no presente trabalho são levantadas questões teóricas que possibilitam refletir sobre os Charrua e os Minuano, dois grupos que habitaram o Pampa sul-americano compartilhando utensílios e semelhanças culturais, mas também significativas divergências pouco exploradas pela literatura especializada. Há de se considerar que este é um tema pouco estudado por especialistas, o que credita este ensaio como uma tentativa de quebrar o silêncio que envolve o tema Charrua e Minuano, sobretudo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Ítala Irene Basile. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. 2.ed. *Documentos*. São Leopoldo, n.5, p.125-147, 2006.
- BECKER, Ítala Irene Basile. *Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai*. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2002.
- BLANCO, Sebastián Pintos. Túmulos, caciques y otras historias: Cazadores recolectores complejos en la cuenca de la Laguna de Castillos, Uruguay. *Complutu*. Madri: Ed.Universidade Complutense de Madrid, n.10, p.213-226, 1999.
- BRACCO, Diego. *Guenoas*. Montevidú: Ministerio de Educacion y Cultura, 1999.
- CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801*. 3.ed. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1998.
- CONSEJO DE LANACIÓN CHARRÚA. Disponível em:
<<http://consejocharrua.blogspot.com.br>> Acesso em: 15 abr. 2012, 12:49:30.
- FAVRE, Oscar Padrón. *Sangre indígena en el Uruguay*. 3.ed. Durazno: Libros del autor, 1994.
- HILBERT, Klaus. Charruas e Minuanos entre ruptura e continuidade. In: KERN, Arno Alvarez, SANTOS, Maria Cristina dos, GOLIN, Tau (Org.). *Povos Indígenas*. Passo Fundo: Méritos, 2009, p. 179-206.
- MAZZ, José Maria López. Las estructuras tumulares (cerritos) del litoral atlantico uruguayo. *Latin American Antiquity*. Waschington, v.12, n.3. p.231-255, 2001.
- BECKER, Ítala Irene Basile. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. 2.ed. *Documentos*. São Leopoldo, n.5, p.125-147, 2006.
- MAZZ, José Maria López; BRACCO, Diego. *Minuanos: apuntes y notas para la historia y la arqueología del territorio Guenoa-Minuano (indígenas de Uruguay, Argentina y Brasil)*. Montevidú: Linardi y Risso, 2010.
- NAUE, Guilherme. Dados sobre o estudo de cerritos na área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS. *Separata da Revista Veritas*. Porto Alegre: Ed.PUC/RS, n.71/73, p.1-24, 1973.
- PORTAL DIGITAL EL PAIS. Disponível em:
<<http://www.elpais.com.uy>> Acesso em: 23 mar. 2012, 03:34:21.
- PORTO, Aurélio. Primitivos habitantes do Rio-Grande-do-Sul. *Terra Farroupilha*. Porto Alegre: Livraria Selbach, n.1, p.21-31, 1936.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. Tese (Livre Docência) Instituto Anchietao de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1976.
- SILVA, Sergio Batista da. Categorias sócio-cosmológico-identitárias indígenas recentes e processos de consolidação de novos sujeitos coletivos de direito: os Charrua e os Xokleng no Rio Grande do Sul. In: FREITAS, Ana Elisa de Castro, FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas (org.). *Povos indígenas na bacia hidrográfica do Lago Guaíba*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2008, p. 25-35.
- SILVA JR., Luiz Carlos da. *Diversidade e convergência das dinâmicas ambientais e humanas na região da Laguna dos Patos – para um programa de estudo paleoecológico do Banhado do Colegio, Camaquã – Rio Grande do Sul, Brasil*. Dissertação (Mestrado Europeu em Pré-História do Quaternário e Evolução Humana), Universidad de Tarragona, Tarragona, 2006.
- SOSA, Rodolfo Maruca. *La nación Charrúa*. Montevidú: Letras S.A., 1957.
- VIDART, Daniel. *El mundo de los Charruas*. Montevidú: Ediciones de la banda oriental, 1998.
- VILLAGRÁN, Ximena Suárez. *Emergencia de monumentalidad en el Este uruguayo*. Monografía (Gradação em Arqueologia), Universidad de La Republica, Montevidú, 2005.

